

Análise da percepção de estudantes da saúde sobre a vacinação contra o Papilomavírus Humano (HPV)

Analysis of the perception of health students about vaccination against Human Papillomavirus (HPV)

Análisis de la percepción de estudiantes de la salud sobre la vacunación contra el virus del Papiloma Humano (VPH)

Recebido: 17/12/2025 | Revisado: 26/12/2025 | Aceitado: 26/12/2025 | Publicado: 27/12/2025

Camilla Beraldo da Silva¹

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-6393-0776>
Universidade Anhembi Morumbi, Brasil
E-mail: camillaberaldo02@gmail.com

Débora Ribeiro Honório Ramos¹

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-9205-159X>
Universidade Anhembi Morumbi, Brasil
E-mail: deborahonorio.ramos@gmail.com

Deliane Rodrigues Costa¹

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-4035-1864>
Universidade Anhembi Morumbi, Brasil
E-mail: deliane_rodrigues@hotmail.com

Giovana Tasca Meira¹

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-1214-7648>
Universidade Anhembi Morumbi, Brasil
E-mail: giovannatsc05@gmail.com

Rebeca De França Bianchim¹

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-8380-111X>
Universidade Anhembi Morumbi, Brasil
E-mail: rebecabianchim.uam@gmail.com

Patrícia Ucelli Simioni¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6951-5040>
Universidade Anhembi Morumbi, Brasil
E-mail: psimioni@gmail.com

Resumo

Objetivo: O objetivo do presente artigo é analisar o conhecimento e a percepção sobre a vacinação contra o Papilomavírus Humano (HPV) entre estudante da área da saúde. Método: Estudo transversal, descritivo, realizado entre maio e outubro de 2024 com estudantes de diferentes semestres acadêmicos do estado de São Paulo, Brasil. A coleta de dados ocorreu por meio de questionário estruturado online (Google Forms®). Foram incluídos estudantes que aceitaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e preencheram todas as questões. Realizou-se análise estatística descritiva com frequências absolutas e relativas. O estudo foi aprovado por Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE: 70419923.8.0000.5492). Resultados: Participaram 104 estudantes; 80,8% tinham entre 19 e 29 anos e 93,3% cursavam Medicina. A maioria havia assistido a aulas sobre HPV (57,7%), embora apenas 38,5% tivessem tido contato clínico com pacientes infectados. Quanto à vacinação, 61,5% completaram o esquema vacinal, enquanto 24% não foram vacinados. Todos consideraram a vacina segura e 95,2% defenderam sua obrigatoriedade. Persistiram lacunas relativas aos subtipos virais e à vacina disponível no Sistema Único de Saúde. Conclusão: Os estudantes demonstraram percepção positiva e conhecimento geral adequado sobre o HPV e sua vacinação. Entretanto, fragilidades específicas sugerem a necessidade de estratégias educativas contínuas durante a graduação, com potencial impacto na adesão vacinal e na qualidade da comunicação em saúde.

Palavras-chave: Papillomavirus humano; Vacinação; HPV; Estudantes; Saúde pública.

¹ Departamento de Medicina, Universidade Anhembi Morumbi, Piracicaba, São Paulo, Brasil.

Abstract

Objective: To analyze knowledge and perception about Human Papillomavirus (HPV) vaccination among health students. **Methods:** This was a cross-sectional, descriptive study conducted between May and October 2024 with health students from different academic semesters in the state of São Paulo, Brazil. Data were collected using an online structured questionnaire applied through Google Forms®. Students who agreed with the informed consent form and completed all questions were included. Descriptive statistics with absolute and relative frequencies were performed. The study was approved by a Research Ethics Committee (CAAE: 70419923.8.0000.5492). **Results:** A total of 104 students participated; 80.8% were between 19 and 29 years old and 93.3% were medical students. Most reported having attended lectures on HPV (57.7%), although fewer reported clinical contact with infected patients (38.5%). Complete vaccination coverage was reported by 61.5%, while 24% had not been vaccinated. All participants considered the vaccine safe, and 95.2% supported mandatory vaccination for adolescents. Gaps were identified in knowledge of viral subtypes and vaccines available in the Brazilian public health system. **Conclusion:** Health students demonstrated a positive perception and adequate general knowledge regarding HPV infection and vaccination. However, specific weaknesses indicate the need for continuous educational strategies during undergraduate training to improve vaccination adherence and health communication.

Keywords: Human papillomavirus; Vaccination; HPV vaccine; Students; Public health.

Resumen

Objetivo: Analizar el conocimiento y la percepción sobre la vacunación contra el Virus del Papiloma Humano (VPH) entre estudiantes del área de la salud. **Métodos:** Estudio transversal, descriptivo, realizado entre mayo y octubre de 2024 con estudiantes de diferentes semestres académicos del estado de São Paulo, Brasil. Los datos se obtuvieron mediante un cuestionario estructurado en línea (Google Forms®). Se incluyeron estudiantes que aceptaron el consentimiento informado y completaron todas las preguntas. Se utilizaron estadísticas descriptivas con frecuencias absolutas y relativas. El estudio fue aprobado por un Comité de Ética en Investigación (CAAE: 70419923.8.0000.5492). **Resultados:** Participaron 104 estudiantes; el 80,8% tenía entre 19 y 29 años y el 93,3% cursaba Medicina. Aunque el 57,7% había recibido clases sobre VPH, solo el 38,5% reportó contacto clínico con pacientes infectados. El 61,5% completó el esquema de vacunación, mientras que el 24% no estaba vacunado. Todos consideraron la vacuna segura y el 95,2% apoyó su obligatoriedad. Persistieron brechas en el conocimiento de subtipos virales y de la vacuna disponible en el sistema público de salud. **Conclusión:** Los estudiantes mostraron percepción positiva y conocimiento general adecuado sobre el VPH y su vacunación. Sin embargo, persistieron fragilidades específicas que refuerzan la necesidad de estrategias educativas continuas durante la formación académica.

Palabras clave: Papilomavirus humano; Vacunación; Vacuna contra el VPH; Estudiantes; Salud pública.

1. Introdução

O Papilomavírus Humano (HPV) constitui uma das infecções sexualmente transmissíveis (IST) mais prevalentes em âmbito global, configurando-se como relevante problema de saúde pública em razão de sua elevada transmissibilidade, potencial oncogênico e impacto psicossocial e econômico (WHO, 2023; INCA, 2023) lesões benignas, como verrugas anogenitais, até neoplasias invasivas em diferentes segmentos anatômicos, sobretudo na presença de infecção persistente por subtipos de alto risco (WHO, 2022; Sung et al., 2023). Entre essas neoplasias, destaca-se o câncer do colo do útero, historicamente associado à infecção pelo HPV e ainda considerado importante causa de morbimortalidade feminina, especialmente em países de baixa e média renda, nos quais desigualdades socioeconômicas e limitações no acesso aos serviços de saúde condicionam a adesão às medidas preventivas (INCA, 2023a; INCA, 2023b).

No contexto brasileiro, as estimativas para o triênio 2023–2025 apontam a ocorrência anual de aproximadamente 17.010 novos casos de câncer do colo do útero, consolidando essa neoplasia entre as mais incidentes na população feminina, excluídos os tumores de pele não melanoma (INCA, 2023a; INCA, 2023b). Essa elevada incidência é agravada por desigualdades regionais na cobertura do rastreamento citopatológico, na disponibilidade de serviços especializados e na implementação de estratégias educativas em saúde, fatores que contribuem para o diagnóstico tardio e para maiores taxas de mortalidade (WHO, 2023; INCA, 2023a). Além do câncer cervical, a infecção pelo HPV está associada a neoplasias de orofaringe, ânus, pênis, vagina e vulva, ampliando significativamente seu impacto para além da saúde ginecológica (WHO,

2023; Sung et al., 2023).

A vacinação contra o HPV configura-se como a principal estratégia de prevenção primária dessas neoplasias. No Brasil, o imunizante foi incorporado ao Programa Nacional de Imunizações (PNI) em 2014, inicialmente direcionado a meninas e, posteriormente, ampliado para meninos e para grupos populacionais específicos, como pessoas vivendo com HIV/aids, indivíduos imunossuprimidos e pacientes oncológicos (INCA, 2023a; Brasil, 2023). As vacinas atualmente disponíveis demonstram elevada eficácia na prevenção de infecções persistentes e de lesões intraepiteliais associadas a subtipos oncogênicos do HPV, especialmente quando administradas antes do início da vida sexual (WHO, 2023; INCA, 2023a; D'Errico et al., 2021). Contudo, apesar da oferta gratuita pelo Sistema Único de Saúde (SUS) e das evidências robustas de segurança, efetividade e impacto epidemiológico, a cobertura vacinal permanece abaixo das metas estabelecidas nacionalmente (INCA, 2023a; Brasil, 2023).

Fatores como desinformação, crenças equivocadas, dificuldades logísticas de acesso aos serviços de saúde e desconhecimento acerca dos esquemas vacinais e dos imunobiológicos disponíveis figuram entre os principais determinantes da hesitação vacinal (INCA, 2023a; Brasil, 2023). Nesse cenário, estudantes universitários da área da saúde assumem papel estratégico, pois, além de integrarem o público-alvo da vacinação, constituem potenciais agentes multiplicadores de informação qualificada junto à comunidade, às instituições educacionais e aos serviços de saúde (WHO, 2022; D'Errico et al., 2021). O nível de conhecimento técnico desses estudantes influencia diretamente tanto sua própria adesão ao esquema vacinal quanto sua futura atuação profissional como orientadores em saúde coletiva e promotores de políticas públicas de imunização (WHO, 2022; D'Errico et al., 2021).

O objetivo do presente artigo é analisar o conhecimento e a percepção sobre a vacinação contra o Papilomavírus Humano (HPV) entre estudantes da área da saúde.

2. Metodologia

O presente estudo caracteriza-se como transversal, descritivo e observacional, de natureza quantitativa (Pereira et al., 2018), e com uso de estatística descritiva simples com gráficos de barras, classes de dados e valores de frequência absoluta em quantidade e, frequência relativa porcentual (Shitsuka et al., 2014) e, elaborado com o propósito de avaliar o conhecimento e a percepção de estudantes universitários da área da saúde acerca da vacinação contra o Papilomavírus Humano (HPV). A investigação foi conduzida entre maio e outubro de 2024 com participantes provenientes de diferentes instituições de ensino do estado de São Paulo, com maior concentração no município de Piracicaba, onde se localiza o campus da Universidade Anhembí Morumbi. O recrutamento voluntário buscou abranger diversidade de cursos, faixas etárias e períodos acadêmicos, de modo a garantir representatividade entre estudantes das áreas biomédicas e de saúde coletiva.

A coleta de dados foi realizada por meio de questionário estruturado elaborado na plataforma Google Forms®, desenvolvido com base em diretrizes de imunização e estudos sobre percepção vacinal (INCA, 2023a-Brasil, 2023). O instrumento contemplou questões de múltipla escolha, verdadeiro ou falso e seleção múltipla, abordando informações sociodemográficas (idade, curso e semestre), conhecimentos sobre transmissão, subtipos virais, história natural da infecção, diagnóstico e imunização, além de percepções referentes à segurança, obrigatoriedade e completude do esquema vacinal.

Foram incluídos estudantes que consentiram formalmente com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e responderam integralmente ao questionário. Aqueles que não aceitaram o TCLE ou apresentaram formulário incompleto foram excluídos do estudo. A amostra final foi composta por 104 estudantes.

Os dados foram tabulados e analisados descritivamente, calculando-se frequências absolutas e relativas para todas as

variáveis categóricas, sem aplicação de testes inferenciais devido ao objetivo exclusivamente descritivo da pesquisa. Todas as etapas da investigação seguiram a Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, tendo sido aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Anhembi Morumbi (CAAE nº 70419923.8.0000.5492; Parecer nº 6.154.813). Não houve riscos biológicos, coleta de material clínico ou conflito de interesses, considerando o caráter autoaplicado e anônimo do questionário.

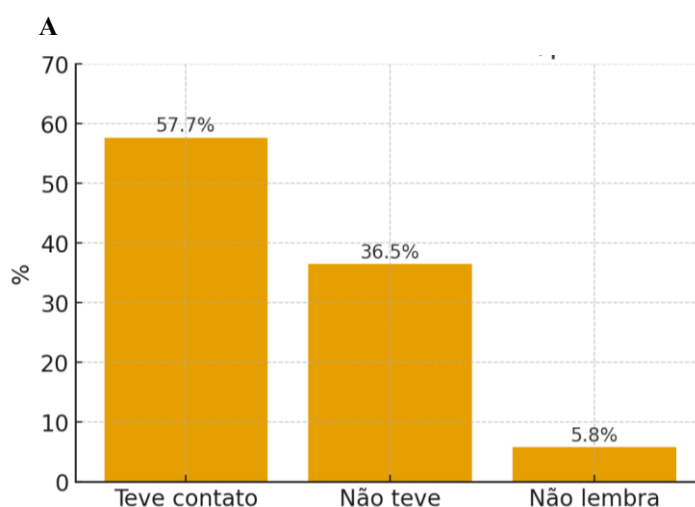
3. Resultados

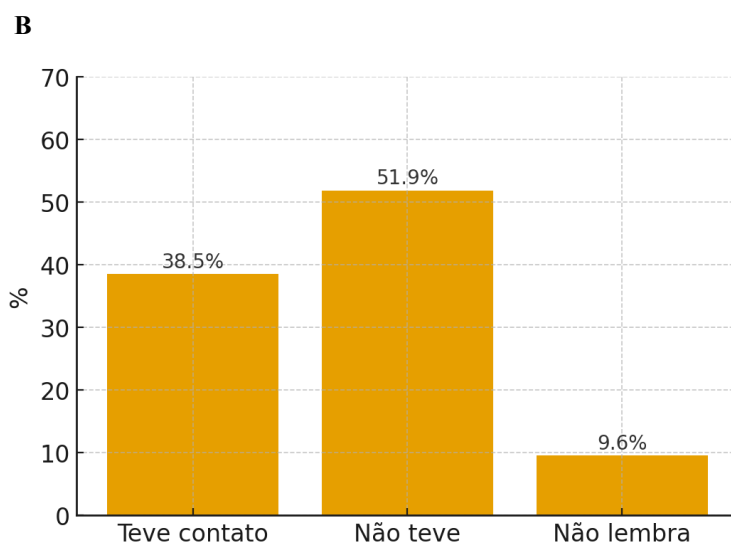
Participaram do estudo 104 estudantes universitários da área da saúde. Observou-se predominância de jovens adultos, dos quais 80,8% (n=84) estavam entre 19 e 29 anos. Os demais distribuíram-se entre 29 e 39 anos (11,5%; n=12), acima de 40 anos (5,8%; n=6) e menos de 18 anos (1,9%; n=2). Esse perfil etário corresponde à faixa prioritária para a imunização contra o Papilomavírus Humano (HPV), uma vez que os maiores benefícios vacinais ocorrem antes da exposição sexual. A maioria dos participantes era composta por estudantes de Medicina (93,3%; n=97), seguidos por alunos de Fisioterapia (1%; n=1) e outras formações da saúde (5,8%; n=6), como Biomedicina, Medicina Veterinária e Nutrição. Quanto ao semestre acadêmico, 45,2% (n=47) estavam entre o 3º e 4º semestres, 19,2% (n=20) entre 5º e 6º, 20,2% (n=21) entre 7º e 8º e apenas 10,6% (n=11) cursavam períodos superiores ($\geq 9^\circ$ semestre). Estudantes de 1º e 2º semestre representaram 4,8% (n=5). Essa composição reforça que a amostra é constituída majoritariamente por indivíduos em fase inicial de formação, período ainda caracterizado por intensa carga teórica e menor vivência clínica.

No que diz respeito à exposição acadêmica ao tema, 57,7% (n=60) dos participantes relataram já ter assistido a aulas ou palestras sobre HPV, ao passo que 36,5% (n=38) afirmaram nunca ter tido contato com o assunto e 5,8% (n=6) não souberam informar. Por outro lado, apenas 38,5% (n=40) indicaram contato prático com pacientes infectados, enquanto 51,9% (n=54) afirmaram não ter tido essa experiência e 9,6% (n=10) não se lembravam. Esses achados sugerem que o conhecimento apresentado pela amostra decorre predominantemente de formação teórica, pouco articulada à prática clínica.

A seguir, a Figura 1 apresenta o contato acadêmico dos estudantes com o tema HPV durante a graduação.

Figura 1 - Contato acadêmico dos estudantes com o tema HPV durante a graduação: (A) exposição a aulas ou palestras específicas sobre HPV; (B) vivência prática com pacientes infectados pelo vírus.

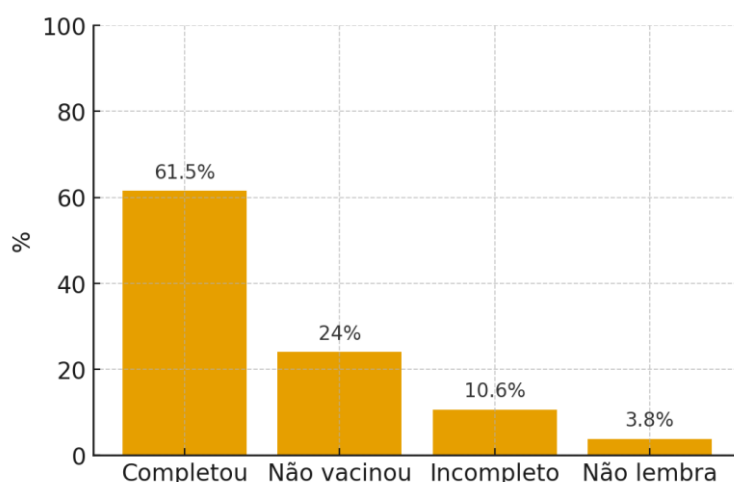




Fonte: Autoria própria.

A percepção quanto à segurança da vacina contra o HPV foi unanimemente positiva, visto que 100% (n=104) dos participantes a consideraram segura (dado não apresentado em figura). Contudo, como demonstrado na Figura 2, a situação vacinal revelou heterogeneidade: 61,5% (n=64) dos estudantes referiram ter recebido todas as doses recomendadas, 24% (n=25) nunca haviam sido vacinados, 10,6% (n=11) haviam iniciado, mas não concluído o esquema, e 3,8% (n=4) não souberam informar. Não foram relatadas recusas explícitas à vacinação. Esses resultados indicam que a incompletude vacinal parece estar associada a questões operacionais, como desconhecimento do esquema, dificuldades de acesso ou ausência de acompanhamento das doses, e não à insegurança em relação ao imunizante.

Figura 2 - Situação vacinal dos estudantes frente ao esquema de imunização contra o Papilomavírus Humano (HPV).

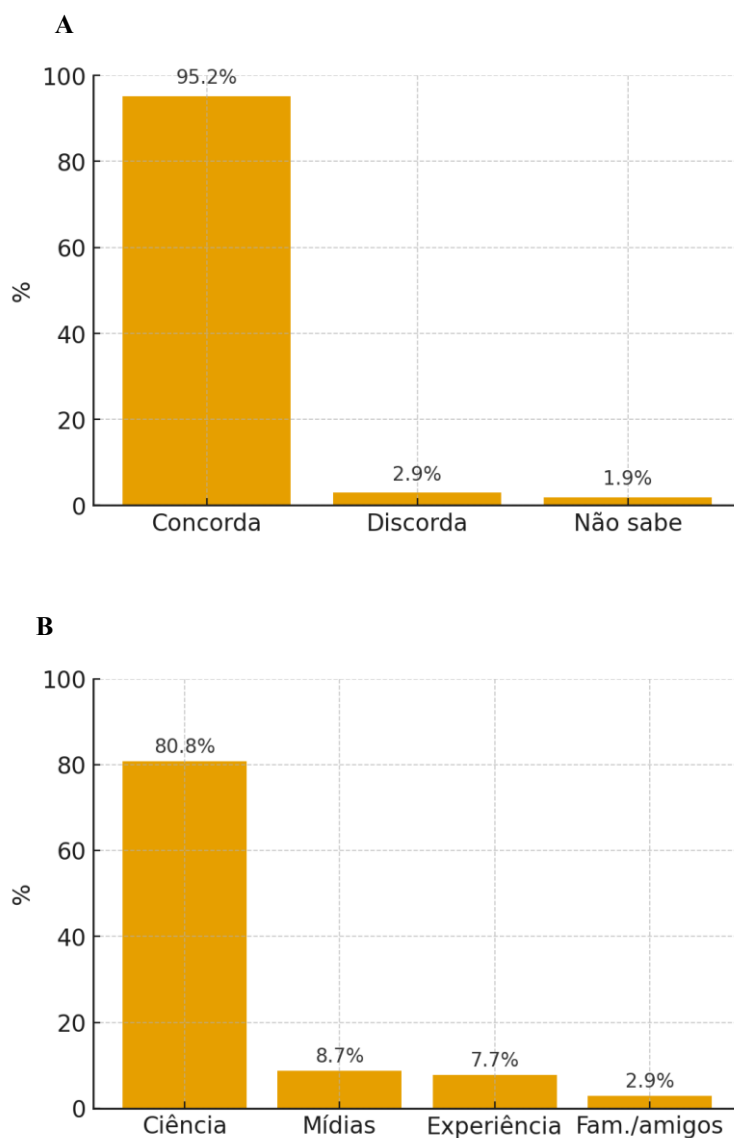


Fonte: Autoria própria.

No que concerne à percepção normativa (Figura 3A), 95,2% (n=99) concordaram com a obrigatoriedade da vacinação contra o HPV em adolescentes, enquanto 2,9% (n=3) discordaram e 1,9% (n=2) não souberam opinar. Quando questionados sobre as fontes de influência para formação de opiniões (Figura 3B), 80,8% (n=84) atribuíram seu entendimento à informação

científica/acadêmica, 8,7% (n=9) às mídias sociais/notícias, 7,7% (n=8) a experiências pessoais e 2,9% (n=3) a familiares/amigos, reforçando o papel central da formação acadêmica na construção de percepções baseadas em evidências.

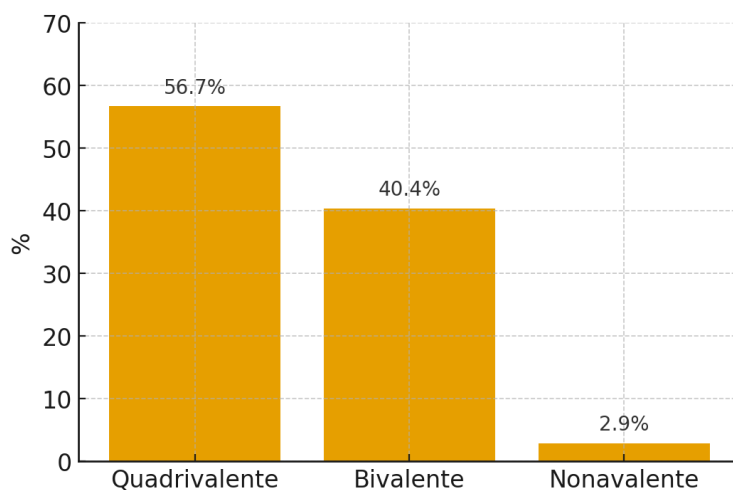
Figura 3 - Percepções dos estudantes sobre a vacinação contra o HPV: (A) concordância com a obrigatoriedade da vacinação em adolescentes; (B) principais fontes de influência na formação de opinião sobre o imunizante.



Fonte: Autoria própria.

Quanto ao conhecimento técnico, todos os participantes (100%; n=104) reconheceram o contato sexual vaginal, anal ou oral como principal via de transmissão do HPV (dado não representado em figura). Entretanto, a Figura 4 mostra que, apenas 56,7% (n=59) identificaram corretamente a vacina quadrivalente como a disponibilizada pelo Sistema Único de Saúde (SUS), enquanto 40,4% (n=42) assinalaram equivocadamente a vacina bivalente e 2,9% (n=3) indicaram a nonavalente. Esse achado evidencia falha no conhecimento sobre o calendário vacinal, aspecto fundamental para a futura prática profissional.

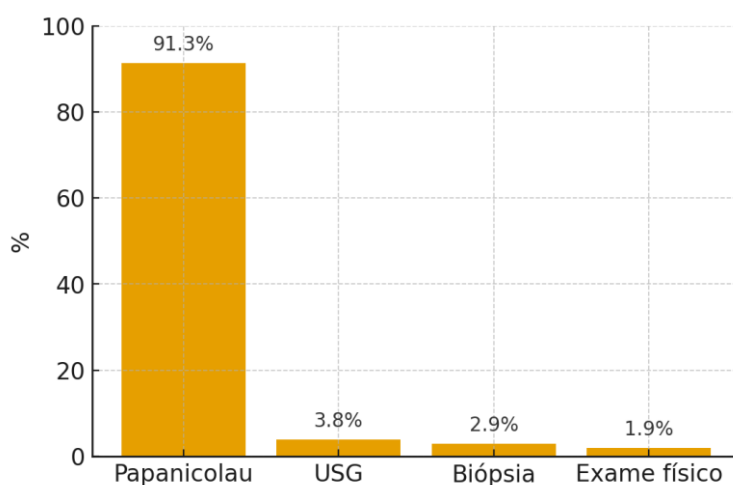
Figura 4 - Identificação pelos estudantes da vacina fornecida pelo Sistema Único de Saúde (SUS) para prevenção contra o HPV.



Fonte: Autoria própria.

O campo do rastreamento foi demonstrado na Figura 5, 91,3% (n=95) reconheceram a citologia oncológica (Papanicolau) como principal exame utilizado no SUS para detecção de lesões pré-cancerosas do colo uterino associadas ao HPV, enquanto 3,8% (n=4) indicaram ultrassom transvaginal, 2,9% (n=3) a biópsia e 1,9% (n=2) apenas o exame físico. Esses achados sugerem que, embora a maior parte dos estudantes esteja familiarizada com o exame de rastreamento recomendado em nível populacional, ainda há uma pequena parcela que associa indevidamente métodos diagnósticos complementares ao papel de teste de triagem (Figura 5).

Figura 5 - Exame identificado pelos estudantes como método de rastreamento para detecção de lesões pré-cancerosas do colo uterino associadas ao HPV no Sistema Único de Saúde (SUS).



Fonte: Autoria própria.

Em relação ao conhecimento sobre os subtipos virais, observou-se maior heterogeneidade: 70,2% (n=73) classificaram os tipos 6 e 11 como de baixo risco e os tipos 16 e 18 como de alto risco; 13,5% (n=14) inverteram essa classificação; outros 13,5% (n=14) atribuíram alto risco a todos os subtipos; e 2,9% (n=3) indicaram que os tipos 31 e 33 seriam de baixo risco, enquanto 6 e 11 seriam de alto risco, evidenciando lacunas conceituais importantes na diferenciação entre variantes oncogênicas e não oncogênicas do HPV (Tabela 1).

Tabela 1 - Classificação atribuída pelos estudantes aos subtipos de Papilomavírus Humano (HPV) segundo risco oncológico.

Classificação atribuída pelos estudantes	n	%
HPV 6 e 11 como baixo risco; 16 e 18 como alto risco	73	70,2
HPV 6 e 11 como alto risco; 16 e 18 como baixo risco	14	13,5
Todos os subtipos de HPV são de alto risco	14	13,5
HPV 31 e 33 como baixo risco; 6 e 11 como alto risco	3	2,9

Fonte: Autoria própria.

A respeito das neoplasias associadas ao HPV, 100% (n=104) reconheceram o colo do útero como local acometido, porém apenas 52,9% (n=55) associaram o ânus e 49% (n=51) a orofaringe. Respostas equivocadas indicaram acometimento de fígado (3,8%; n=4) e rins (1,9%; n=2). (Tabela 2). Quanto à história natural do HPV, apenas 26% (n=27) reconheceram que a eliminação espontânea pode ocorrer entre 1 e 2 anos; 49% (n=51) acreditaram que o vírus permanece no organismo por toda a vida, 19,2% (n=20) não souberam responder e 5,8% (n=6) atribuíram eliminação em semanas ou meses (Tabela 3).

Tabela 2 - Localizações anatômicas reconhecidas pelos estudantes como associadas a neoplasias relacionadas à infecção pelo Papilomavírus Humano (HPV).

Localização anatômica	n	%
Colo do útero	104	100
Ânus	55	52,9
Orofaringe	51	49
Fígado	4	3,8
Rins	2	1,9

Fonte: Autoria própria.

Tabela 3 - Tempo de permanência do Papilomavírus Humano (HPV) no organismo, conforme percepção dos estudantes.

Tempo atribuído ao HPV no organismo	n	%
1–2 anos	27	26
A vida toda	51	49
Não sabe informar	20	19,2
Semanas/meses	6	5,8

Fonte: Autoria própria.

Por fim, três afirmações relacionadas a mitos sociais foram respondidas com elevadas taxas de acerto: 91,3% (n=95) reconheceram como falsa a ideia de que a vacina é indicada apenas para meninas; 90,4% (n=94) classificaram como verdadeira a informação de que a vacinação não incentiva o início precoce da atividade sexual; e 87,5% (n=91) identificaram como falsa a ideia de que a recusa parental não impacta a saúde coletiva. Esse conjunto de achados indica preservação de senso crítico frente a desinformações e estigmas sociais relacionados à vacina, embora coexistam fragilidades conceituais em conhecimentos epidemiológicos e imunológicos específicos (Tabela 4).

Tabela 4 - Distribuição das respostas dos estudantes frente a afirmações sociais relacionadas à vacinação contra o Papilomavírus Humano (HPV).

Afirmação apresentada	Resposta predominante	n	%
“A vacina contra o HPV é indicada apenas para meninas.”	Falso	95	91,3
“A vacinação contra o HPV não incentiva o início precoce da atividade sexual.”	Verdadeiro	94	90,4
“A recusa dos pais em vacinar adolescentes contra o HPV não impacta a saúde coletiva.”	Falso	91	87,5

Fonte: Autoria própria.

Esses resultados indicam que os estudantes demonstram alto nível de compreensão em tópicos associados a mitos sociais e indicações gerais da vacinação, contrastando com fragilidades relacionadas a aspectos epidemiológicos mais específicos, como classificação viral, imunobiológicos disponíveis e história natural da infecção.

4. Discussão

Os achados deste estudo revelam um panorama heterogêneo sobre o conhecimento técnico e a percepção de estudantes da área da saúde acerca do Papilomavírus Humano (HPV) e de sua vacinação. A predominância de jovens entre 19 e 29 anos, matriculados principalmente nos semestres iniciais de cursos de Medicina, é coerente com o perfil de público-alvo prioritário das estratégias preventivas, visto que a eficácia vacinal é maximizada quando aplicada antes do início da vida sexual, reduzindo o risco de infecção persistente por subtipos oncogênicos (WHO, 2023; INCA, 2023a; Bruni et al., 2019). Nesse sentido, a concentração da amostra em fases acadêmicas marcadas por forte teor teórico e ainda limitada vivência clínica pode explicar a discrepância observada entre atitudes favoráveis à vacinação e lacunas técnico-científicas identificadas em temas específicos, conforme descrito em estudos que demonstram associação entre estágio de formação, conhecimento aplicado e segurança na recomendação vacinal (Sung et al., 2023; D’Errico et al., 2021).

A baixa exposição prática ao atendimento de pacientes com HPV, observada em apenas 38,5% dos estudantes, reforça a predominância de um modelo formativo centrado em aulas expositivas. Evidências recentes indicam que a ausência de integração prática nos estágios iniciais pode comprometer o desenvolvimento de competências essenciais, como comunicação clínica, aconselhamento em saúde sexual e prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (WHO, 2023; WHO, 2013). Estudos nacionais e internacionais demonstram que experiências educacionais mediadas por contato supervisionado com pacientes favorecem maior retenção do conhecimento, ampliação da empatia e redução de estigmas associados à sexualidade e às ISTs, incluindo o HPV (D’Errico et al., 2021; Chau et al., 2023).

Um dos achados mais expressivos desta investigação foi a percepção unânime de segurança da vacina e o amplo apoio à sua obrigatoriedade. Embora diversos países relatem aumento da hesitação vacinal, impulsionada por movimentos antivacina e pela disseminação de desinformação em ambientes digitais (Gilkey et al., 2017; Rathie et al., 2022), estudantes universitários

da área da saúde tendem a apresentar maior adesão às evidências científicas, especialmente quando expostos a conteúdos curriculares relacionados à imunologia, saúde pública e ética profissional (D'Errico et al., 2021; Biasio et al., 2024). Entretanto, esse posicionamento favorável não se traduziu em cobertura vacinal plena, uma vez que parcela significativa dos participantes não completou o esquema vacinal, sugerindo que barreiras logísticas e informacionais exercem papel mais relevante do que a hesitação propriamente dita (INCA, 2023a; Brasil, 2023).

Outro aspecto crítico refere-se ao desconhecimento sobre o imunobiológico disponibilizado pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Apesar de reconhecerem a importância da imunização, parte expressiva dos estudantes identificou erroneamente a vacina bivalente como aquela ofertada pelo programa público. Tal inadequação técnica é particularmente preocupante, considerando que profissionais da saúde desempenham papel central na recomendação vacinal. Evidências indicam que falhas na orientação profissional configuram fator independente de hesitação indireta, podendo resultar em oportunidades perdidas de vacinação, redução da confiança da população nos serviços de saúde e impacto negativo na cobertura vacinal (Gilkey et al., 2017; Wolf et al., 2024).

De modo semelhante, a compreensão insuficiente sobre a história natural da infecção pelo HPV ficou evidente, uma vez que proporção relevante dos estudantes acreditava que o vírus permanece no organismo por toda a vida. Dados robustos da literatura indicam que entre 70% e 90% das infecções por HPV são eliminadas espontaneamente pelo sistema imunológico no período de 6 a 24 meses, especialmente em indivíduos imunocompetentes (WHO, 2023; Wolf et al., 2024). A ausência desse conhecimento pode gerar consequências práticas importantes, como a perpetuação de estigmas, o aumento do sofrimento psicológico e a inadequação do aconselhamento clínico oferecido a pacientes diagnosticados durante programas de rastreamento (WHO, 2022; WHO, 2023).

Por outro lado, observou-se elevado grau de pensamento crítico entre os estudantes no que se refere a crenças equivocadas amplamente difundidas na sociedade, como a ideia de que a vacinação estimularia o início precoce da atividade sexual ou de que seria indicada exclusivamente para meninas. A capacidade de reconhecer e refutar esses mitos reflete compreensão consistente dos determinantes sociais, científicos e éticos envolvidos na prevenção do HPV, achado corroborado por estudos que destacam o papel do ensino superior e da formação em saúde na desconstrução de estigmas morais que interferem negativamente na aceitação vacinal (Biasio et al., 2024).

Em conjunto, os resultados indicam que, entre estudantes da área da saúde, a hesitação vacinal não constitui o principal entrave à imunização contra o HPV, diferentemente do observado na população geral. O desafio central reside, sobretudo, na articulação entre conhecimento técnico aprofundado e prática preventiva efetiva, evidenciando que o domínio conceitual sobre subtipos virais, esquemas vacinais e imunobiológicos disponíveis é determinante para que atitudes favoráveis se convertam em adesão plena e recomendações qualificadas à população ((INCA, 2023; D'Errico et al., 2021).

Diante desse cenário, torna-se evidente que, embora os estudantes apresentem atitudes positivas e conhecimento geral satisfatório, persistem lacunas relevantes em conteúdos técnico-científicos essenciais à prática profissional futura. Recomenda-se, portanto, o fortalecimento de estratégias pedagógicas interdisciplinares que integrem imunologia, epidemiologia, oncologia preventiva, comunicação em saúde e políticas públicas de vacinação. Iniciativas institucionais que ampliem ações educativas, projetos de extensão, campanhas vacinais e experiências clínicas supervisionadas podem contribuir de forma significativa para a formação de profissionais mais capacitados, críticos e comprometidos com a saúde coletiva (INCA, 2023; Brasil, 2023; Gilkey et al., 2017).

Em conjunto, os resultados indicam que, entre estudantes da área da saúde, a hesitação vacinal não constitui o principal entrave à imunização contra o HPV, diferentemente do observado na população geral. O desafio central reside, sobretudo, na articulação entre conhecimento técnico aprofundado e prática preventiva efetiva, evidenciando que o domínio

conceitual sobre subtipos virais, esquemas vacinais e imunobiológicos disponíveis é determinante para que atitudes favoráveis se convertam em adesão plena e recomendações qualificadas à população ((INCA, 2023; D’Errico et al., 2021).

Diante desse cenário, torna-se evidente que, embora os estudantes apresentem atitudes positivas e conhecimento geral satisfatório, persistem lacunas relevantes em conteúdos técnico-científicos essenciais à prática profissional futura. Recomenda-se, portanto, o fortalecimento de estratégias pedagógicas interdisciplinares que integrem imunologia, epidemiologia, oncologia preventiva, comunicação em saúde e políticas públicas de vacinação. Iniciativas institucionais que ampliem ações educativas, projetos de extensão, campanhas vacinais e experiências clínicas supervisionadas podem contribuir de forma significativa para a formação de profissionais mais capacitados, críticos e comprometidos com a saúde coletiva (INCA, 2023; Brasil, 2023; Gilkey et al., 2017).

Assim, o aprimoramento da formação universitária em saúde representa investimento direto na ampliação da cobertura vacinal, na redução da incidência de neoplasias associadas ao HPV e na qualificação de práticas educativas e preventivas no contexto do SUS.

5. Conclusão

Os resultados deste estudo evidenciaram que estudantes universitários da área da saúde apresentam percepção amplamente favorável à vacinação contra o Papilomavírus Humano (HPV), refletida pela unanimidade quanto à segurança do imunizante e pela predominância do apoio à sua obrigatoriedade em adolescentes. Esse cenário demonstra alinhamento às políticas públicas de prevenção e à relevância epidemiológica da imunização, reforçando o potencial desses indivíduos como futuros promotores de saúde.

Apesar disso, foram identificadas lacunas significativas em conhecimentos técnico-científicos essenciais à prática profissional, particularmente em relação à história natural da infecção, à classificação dos subtipos virais e ao imunobiológico disponibilizado pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Além disso, a incompletude vacinal observada entre os próprios estudantes revela que a aceitação positiva não se traduz, de forma proporcional, em adesão plena ao esquema vacinal, sugerindo que obstáculos informacionais e logísticos ainda persistem, mesmo entre indivíduos com formação biomédica.

Assim, a formação acadêmica não deve limitar-se à desconstrução de mitos sociais, mas priorizar a consolidação de conhecimentos técnico-científicos que sustentam a recomendação profissional da vacinação, integrando imunologia, epidemiologia, comunicação em saúde e políticas públicas. Investir nesse aprofundamento permite que a elevada aceitação observada entre estudantes se converta em adesão plena, qualificação da prática clínica e fortalecimento das estratégias coletivas de prevenção, contribuindo de forma direta para a redução das infecções persistentes e neoplasias associadas ao HPV.

Referências

- Biasio, L. R., Lorini, C., Zanobini, P., Bonaccorsi, G. (2024). The still unexplored mediating role of vaccine literacy. *Hum Vaccin Immunother.* 20(1):2310360.
- Brasil. (2023). *HPV*. Brasília: Ministério da Saúde. <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/h/hpv>
- Bruni, L., Saura-Lázaro, A., Montoliu, A., Brotons, M., Alemany, L., Diallo, M. S. et al. (2019). HPV vaccination introduction worldwide and WHO and UNICEF estimates of national HPV immunization coverage 2010–2019. *Prev Med.* 144:106399.
- Chau, J. P. C., Lo, S. H. S., Butt, L., Lee, V. W. Y., Lui, G. C. Y. & Lau, A. Y. L. (2023). User engagement on a novel educational health intervention aimed at increasing HPV vaccine uptake in Hong Kong: a qualitative study. *J Cancer Educ.* 38(3):772–80.
- D’Errico, M. P., Tung, W. C., Lu, M., D’Errico, R. (2021). Knowledge, attitudes, and practices related to human papillomavirus vaccination among college students in a state university: implications for nurse practitioners. *J Am Assoc Nurse Pract.* 33(9):709–18.

Gilkey, M. B., Calo, W. A., Marciniak, M. W. & Brewer, N. T. (2017). Parents who refuse or delay HPV vaccine: differences in vaccination behavior, beliefs, and clinical communication preferences. *Hum Vaccin Immunother*. 13(3):680–6.

INCA. (2023a). *Câncer do colo do útero*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Câncer (INCA) 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/cancer/tipos/colo-do-utero>

INCA. (2023b). *Estimativa 2023: incidência de câncer no Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Câncer (INCA). <https://www.inca.gov.br/publicacoes/livros/estimativa-2023-incidencia-de-cancer-no-brasil>

Kasting, M. L., Head, K. J., DeMaria, A. L., Neuman, M. K., Russell, A. L., Robertson, S. E. et al. (2021). A national survey of obstetrician/gynecologists' knowledge, attitudes, and beliefs regarding adult human papillomavirus vaccination. *J Womens Health (Larchmt)*. 30(10):1476–84.

Pereira, A. S. et al. (2018). *Metodologia da pesquisa científica*. (Free ebook). Santa Maria. Editora da UFSM.

Rathje, S., He, J. K., Roozenbeek, J., Van Bavel, J. J. & Van Der Linden, S. (2022). Social media behavior is associated with vaccine hesitancy. *PNAS Nexus*. 1(4):pgac207.

Shitsuka, R. et al. (2014). *Matemática fundamental para tecnologia*. (2ed). Editora Érica.

Sung, H., Ferlay, J., Siegel, R. L. et al. (2023). Global cancer statistics 2020. *CA Cancer J Clin*. 71(3):209–49. doi:10.3322/caac.21660. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33538338/>

Wolf, J., Kist, L. F., Pereira, S. B., Quessada, M. A., Petek, H., Pille, A. et al. (2024). Human papillomavirus infection: epidemiology, biology, host interactions, cancer development, prevention, and therapeutics. *Rev Med Virol*. 34(3):e2537.

WHO. (2013). *Transforming and Scaling Up Health Professionals' Education and Training*. (2013). World Health Organization Guidelines 2013. Geneva: World Health Organization (WHO). PMID: 26042324.

WHO. (2023). *Human papillomavirus and cervical cancer*. Geneva: World Health Organization. <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/human-papilloma-virus-and-cancer>

WHO. (2022). *Consolidated guidelines on HIV, viral hepatitis and STI prevention, diagnosis, treatment and care for key populations*. Geneva: World Health Organization (WHO).